

Suzanne Daveau e João Carlos Garcia

BAÇAL SEGUNDO O SEU ABADE

CONTACTOS CIENTÍFICOS ENTRE OS GEÓGRAFOS
ORLANDO RIBEIRO E HERMANN LAUTENSACH
E O PADRE FRANCISCO MANUEL ALVES

PREFÁCIO

José Meirinhos

PICOTE

2017

BAÇAL SEGUNDO O SEU ABADE

Contactos científicos entre
os geógrafos Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach
e o Padre Francisco Manuel Alves

SUZANNE DAVEAU
JOÃO CARLOS GARCIA

BAÇAL SEGUNDO O SEU ABADE

CONTACTOS CIENTÍFICOS ENTRE OS GEÓGRAFOS
ORLANDO RIBEIRO E HERMANN LAUTENSACH
E O PADRE FRANCISCO MANUEL ALVES

PREFÁCIO
José Meirinhos

PICOTE
2017

FICHA TÉCNICA

TÍTULO	BAÇAL SEGUNDO O SEU ABADE Contactos científicos entre os geógrafos Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach e o Padre Francisco Manuel Alves
AUTORES	Suzanne Daveau e João Carlos Garcia
PREFÁCIO	José Meirinhos
EDIÇÃO	Frauga. Associação para o Desenvolvimento Integrado de Picote
COLEÇÃO	Estudos, n.º 4
DEPÓSITO LEGAL	<u>??????/??</u>
ISBN	978-989-99411-7-5
IMPRESSÃO	Rainho & Neves, Lda./Santa Maria da Feira geral@rainhoeneves.pt
DISTRIBUIÇÃO	Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda. comercial@companhiadasartes.pt
TIRAGEM	1.000

© Autores e Frauga
Picote, 2017

Prefácio, por José Meirinhos	7
1. Visitas ao Pároco de Baçal	17
a) Os primeiros encontros com Orlando Ribeiro, em 1935-36	18
b) A visita de um geógrafo alemão, em 1943	36
2. Os Inquéritos elaborados e difundidos por Orlando Ribeiro, em 1938-39	51
3. Baçal inquirido pelo Pe. Francisco Manuel Alves	63
4. Resposta do Abade de Baçal ao <i>Inquérito de Habitat Rural</i> , de Orlando Ribeiro (1938)	75
Índice de Topónimos	89
Referências bibliográficas (obras citadas)	93
Agradecimentos	97

O encontro entre Francisco Manuel Alves e Orlando Ribeiro não é nada improvável, bastando olhar para as respetivas atividades e interesses para se poder antever que tarde ou cedo haveriam de se encontrar. Os primeiros contactos ocorrem por iniciativa do jovem Orlando Ribeiro, recomendado por José Leite de Vasconcelos, figura proeminente da etnografia, da arqueologia e da etnolinguística portuguesas. Orlando Ribeiro é provavelmente o maior geógrafo português de sempre, com um trabalho que atravessa a parte central do século XX e se prolonga na escola que criou, nos seus discípulos e nos incontornáveis trabalhos de investigação e reflexão que publicou. Viajante incansável, observador minucioso, fotógrafo atento e grande escritor, exerceu uma influência segura na cultura portuguesa, para lá da Geografia e da Universidade. Francisco Manuel Alves é o mais importante etnógrafo transmontano de sempre, autodidata e um dos maiores de todo o País, com um trabalho memorável e memorialístico sobre as terras de Bragança, que continua a ser de grande atualidade e indispensável para quem queira conhecer a história e costumes da região. A correspondência que à frente se lerá permite saber que o contacto começa por iniciativa de Orlando Ribeiro, com imediata resposta do Abade, a propósito de amizades comuns e livros e trabalhos que trocam entre si desde 1935.

Este volume recupera o encontro entre os dois estudiosos com base em diverso material inédito de arquivo. É da autoria da geógrafa Suzanne Daveau, Professora Catedrática aposentada da Universidade de Lisboa e viúva de Orlando Ribeiro, e do geógrafo João Carlos Garcia, professor Associado da Universidade do Porto. Os autores têm diversa e extensa obra publicada, entre a qual estudos sobre Orlando Ribeiro e sobre o seu arquivo pessoal. É nessa colaboração de longos anos que se insere também a presente obra¹.

¹ De entre as diversas obras e estudos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, destacuem-se os seguintes onde é mais notória a relação com o presente volume: Suzanne Daveau, *Portugal Geográfico*, Ed. João Sá da Costa, Lisboa 1995; Suzanne Daveau, José Mattoso e Duarte Belo, *Portugal, o sabor da terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*, Temas e Debates – Círculo de Leitores, Lisboa 2010; Suzanne Daveau, João Carlos Garcia, Maria Fernanda

Os professores Suzanne Daveau e João Carlos Garcia propõem um estudo que tem grande importância histórica e geográfica por três razões principais:

- 1) apresenta e documenta a relação de Francisco Manuel Alves (1865-1947), Padre e Abade de Baçal, com Orlando Ribeiro (1911-1997), então um jovem geógrafo, e por intermédio deste, com o geógrafo alemão Hermann Lautensach (1886-1971), autor de uma monumental obra sobre a Geografia de Portugal;*
- 2) recolhe a correspondência, até agora inédita, trocada nos anos 30 e 40 entre os três eruditos onde ficamos a conhecer os seus interesses e afeição mútua;*
- 3) contextualiza e publica a resposta inédita do Abade de Baçal ao Inquérito do Habitat Rural, que o geógrafo lhe remetera em 1938, no âmbito de uma iniciativa de recolha de informação geográfica, económica e social para um mais detalhado conhecimento do mundo rural (trabalho esse que é também apresentado com novos elementos).*

Pelo conhecimento que os dois autores têm da obra de Orlando Ribeiro, inclusive do seu arquivo pessoal, de onde provêm a correspondência e os excertos dos seus cadernos de apontamentos que enriquecem o estudo, é possível compreender melhor a relação que se estabelece entre os quatro estudiosos citados, retirando-se daí importante informação sobre a região e como era visitada e estudada há cerca de 80 anos.

O volume está organizado em quatro partes: na primeira inclui-se o estudo e documentação dos contactos e visitas de Orlando Ribeiro a Francisco Alves, Abade de Baçal, desde os primeiros encontros em 1935-1936, a que se seguirá a visita do geógrafo alemão Hermann Lautensach em 1943, por recomendação de Orlando Ribeiro, surgindo-nos José Leite de Vasconcelos, a figura tutelar da etnografia nacional, como o elo que articula o desenvolvimento destas relações; na segunda

Alegria e Maria Joaquina Feijão (coord.), *Orlando Ribeiro (1911-1997). Ponto de partida. Lugar de encontro*, Biblioteca Nacional de Portugal – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território – Centro de Estudos Geográficos, Lisboa 2011; Maria Fernanda Alegria, Suzanne Daveau, João Carlos Garcia (coord.), *Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro. Encontros Epistolares (1931-1941)*, Museu Nacional de Arqueologia e Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2011.

parte estudam-se os inquéritos ao habitat rural elaborados por Orlando Ribeiro em 1938-1939 e enviados a todo o País, analisando-se as suas razões e objetivos; na terceira descreve-se Baçal na resposta do seu Abade; na quarta e última parte é publicada a própria resposta de Francisco Alves ao Inquérito de Habitat Rural que lhe havia sido remetido por Orlando Ribeiro em 1938. O estudo, acompanhado por diversa documentação epistolar, arquivística, fotográfica, cartográfica e fac-similada, termina com a extensa Bibliografia utilizada e o índice dos topónimos citados na resposta do Abade de Baçal ao inquérito.

Para os estudiosos da cultura bragançana a resposta do Abade contém elementos de grande importância para o conhecimento da região, mas também sobre o método de trabalho de Francisco Alves, ao mesmo tempo que dá um retrato muito interessante da região no período em torno de 1939. O perfil científico e de investigação de Orlando Ribeiro, então um jovem de 27 anos, sai enriquecido com a publicação de todos estes elementos até agora inéditos.

Orlando Ribeiro terminara a sua licenciatura em Geografia em 1932 e doutorou-se em 1936 com a tese A Arrábida. Esboço geográfico, que logo envia ao Abade, com quem iniciara contactos epistolares pouco antes. Acabariam por se conhecer em agosto de 1936 aquando da viagem a Bragança em que Orlando Ribeiro acompanhava José Leite de Vasconcelos. Neste volume publicam-se pela primeira vez a troca de correspondência e testemunhos desses anos de contacto, onde nos aparecem também outras figuras como o antropólogo Jorge Dias e o geógrafo Hermann Lautensach. Todos foram em visita a casa do Abade, que desempenhava as funções de informador e facilitador de contactos para os curiosos que demandavam por então aquelas terras. É também como fonte para os seus estudos que Orlando Ribeiro procurará o Abade de Baçal.

Os tempos de contacto com o Abade de Baçal possibilitaram a Orlando Ribeiro o conhecimento direto de uma região e cultura que ele mesmo considerava peculiar e conservadora, como deixou expresso em 1945 nesta descrição incisiva, incluída naquela que é provavelmente a sua obra mais conhecida e onde enumera os elementos humanos e económicos do nordeste transmontano:

«a densidade humana não é elevada mas a gente sobeja aos recursos da província e a emigração foi considerável. Até há

vinte anos a população estacionava, apesar de se terem reduzido consideravelmente os baldios e maninhos. O incremento dela tem sido sempre muito vagaroso. As aldeias vivem fechadas nas suas tradições comunitárias. Não há aqui uma cidade grande. As vilas parecem adormecidas desde o tempo em que chegaram os primeiros e escassos grupos de povoadores: implantados no dorso das berroas ou porcas pré-romanas, antes adoradas como divindades, os pelourinhos medievais, eles deram feição conservadora destes lugares numa imagem singularmente expressiva»².

Para além da capacidade de formulação teórica e de explicação geral baseada na combinação dos mais diversos indícios, Orlando Ribeiro cultivava também o interesse etnográfico pela observação e registo de um mundo rural que, sabemos hoje, estava já então em vias de desaparecer. A sua famosa máquina fotográfica Leica, com a qual também registou pessoas e lugares quando calcorreou as terras de Bragança, tornou-se-lhe um instrumento inseparável das tarefas de cientista em viagem. As gentes do mundo rural não deixariam de sentir admiração pelos gestos do homem da cidade entretido com uma maquina que por ali era vista quase só nas mãos de forasteiros. Suzanne Daveau descreve-o nessas tarefas de registo:

«Levava sempre a tiracolo a sua Leica e o fotómetro, com o qual, desde que encontrasse um motivo de interesse, media demoradamente a luz, antes de regular pacientemente a máquina e de procurar com cuidado o melhor ângulo de visão. Era impressionante ver um homem tão activo e, em geral, pouco paciente, executar calmamente estas operações preliminares, então indispensáveis para obter o resultado desejado: um documento expressivo e capaz de boa reprodução»³.

Neste volume podemos apreciar algumas das fotografias do importantíssimo legado existente no seu arquivo e que tem sido objeto de

² Orlando Ribeiro, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo geográfico*, Ed. Letra Livre, Lisboa, 2011, p. 199 (esta 8.ª edição da obra retoma o texto da 1.ª edição, de 1945).

³ Suzanne Daveau, «As andanças de Orlando Ribeiro», em Orlando Ribeiro, *Finisterra*, Encontros de Fotografia, Coimbra 1994, pp. 19-26, aqui p. 21.

outras publicações, onde regularmente constam imagens que colheu nas excursões geográficas e etnográficas que realizou na região de Bragança⁴.

Na altura do primeiro encontro com Orlando Ribeiro, Francisco Manuel Alves era uma figura proeminente na região, já bem conhecido do país culto, não só pela década à frente do Museu de Bragança, como pelo seu importante trabalho de recuperação da história, usos e costumes dessas terras, que há décadas vinha publicando sob o título *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, que se desdobrava num subtítulo descritivo bem ao gosto dos eruditos dos séculos XVII e XVIII: Repositório amplo de notícias corográficas, hidro-orográficas, geológicas, mineralógicas, hidrológicas, biobibliográficas, heráldicas, etimológicas, industriais e estatísticas interessantes tanto à história profana como eclesiástica do distrito de Bragança. A obra, começada a publicar em 1909, em 1947 chegou aos 11 volumes, a que na recente reedição se acrescentou um volume de índices⁵.

O retrato a óleo sobre tela de Francisco Manuel Alves pelo pintor Henrique Tavares (ver p. 13) associa numa feliz coincidência o Abade de Baçal a Picote. Esta pintura de grandes dimensões (2,4x1,9m) está datada de 3 de março de 1929⁶, 7 anos antes do encontro com Orlando Ribeiro. Nessa altura, mais exatamente entre 1925 e 1935, Francisco Manuel Alves era Diretor do Museu Regional de obras de Arte, Peças Arqueológicas e Numismática de Bragança, fundado por iniciativa de bragançanos ilustres em 1897 e que passou a entidade nacional por decreto lei de 13 de novembro de 1915. Logo a seguir à sua aposentação em 1935 e para o homenagear, foi-lhe dado o nome que ainda hoje conserva: Museu do Abade de Baçal⁷.

⁴ Orlando Ribeiro, *Finisterra*, cit.; Duarte Belo, *Orlando Ribeiro*, Assírio & Alvim Lisboa 1999; Duarte Belo, *Portugal – Luz e Sombra. O País depois de Orlando Ribeiro*, Edição Círculo de Leitores/Temas e Debates, Lisboa 2012. São diversas as exposições realizadas a partir do espólio fotográfico de Orlando Ribeiro.

⁵ Francisco Manuel Alves, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, 12 vol., reed. coord. por Gaspar Martins Pereira, Câmara Municipal de Bragança – Instituto Português de Museus, Bragança 2000.

⁶ Em *O Abade de Baçal. Actas do Colóquio*, coord. João Manuel Neto Jacob, Museu do Abade de Baçal, Bragança 1999, refere-se que o custo da tela grande, tintas e grade para o retrato do Abade de Baçal importou em 343\$00. O quadro foi oferecido pelo pintor ao Museu e venceu o prémio «Rocha Cabral» e a 2.^a Medalha na Exposição Anual da Sociedade Nacional de Belas-Artes em Lisboa de 1930, cfr. *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, cit., extratexto no início do vol. I da reed. de 2000.

⁷ Cfr. Francisco Manuel Alves, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, op. cit., vol. IX, p. 1.

Sentado no cadeirão da sala de trabalho no Museu, vemos o Abade em pausa de leitura, livro aberto e com óculos na mão direita apoiada sobre o bordo de uma mesa onde se vê também uma escrivaninha de aparência metálica, com pena e tinteiros. De rosto claro, cabelo grisalho e um pouco calvo, com um leve sorriso que vinca duas rugas nas faces, fita o seu retratista, através de quem olha aqueles que vêm o quadro. Com a mão esquerda no bolso do casaco, talvez pela impaciência da espera exigida pela pose, está envolvido pelos objetos do seu quotidiano de arqueólogo e erudito. Sólido, enverga indumentária com que o pintor levemente sugere a rusticidade do porte: cabeção de padre, colete castanho, casaco com ar puído, tem sobre os ombros o capote que também cobre as pernas cruzadas que lhe deixam o pé esquerdo suspenso. Há livros encostados na cadeira e ao lado dos pés calçados com botas deformadas pelo muito andar, outros mais acima, para lá da mesa e alinhados ao lado esquerdo da sua cabeça, em uma ou duas prateleiras de grandes volumes com lombadas de carneira. O homem que calcorreou aldeias, montes, vales e planícies, também anda incessantemente por velhos livros, em uma e outra fonte recolhendo a matéria que deu a conhecer nas volumosas Memórias arqueológicas. A luz distribui-se de modo desigual acentuando o rosto vivo e reflexivo, o livro aberto, uma lápide na vertical, levemente reclinada na mesa. Apenas um livro está aberto, mas todos estão perto para qualquer utilização. Entre os pés do Abade e a mesa sobressai o testemunho do seu interesse por achados arqueológicos: duas pedras com inscrições latinas, o que parece ser o fragmento de uma ara, com epígrafe quase legível e uma luminosa lápide com inscrição visível.

Que todos os elementos são realisticamente representados testemunha-o a lápide funerária romana, que o museu de facto tem no seu acervo. O coronel e arqueólogo Albino dos Santos Pereira Lopo publicou em 1900, no volume 5 de O archeologo português⁸, um brevíssimo artigo onde conta que o seu amigo e reitor de Picote, Padre José António Fernandes de Carvalho, enviou ao museu «cinco lindas lápides», todas elas de mármore. O autor lamenta-se por ainda não ter podido visitar o local onde foram encontradas as lápides, por isso publica essa breve nota e para testemunhar o acervo inclui o desenho à escala das

⁸ Albino dos Santos Pereira Lopo, «Picote (Miranda do Douro)», *O archeologo português*, 5 (1900) 143-145.



Retrato do padre Francisco Manuel Alves.
Óleo sobre tela por Henrique Tavares, 1929
(©Museu do Abade de Baçal, Bragança – DRCN)

cinco lápides. Todas elas são encimadas por símbolos solares, com formas suásticas⁹ de múltiplos raios em forma de S alongado para a esquerda e só num caso para a direita. Uma dessas lápides é exatamente a que Henrique Tavares pintou junto a Francisco Alves, provavelmente por ser de sua predileção, na qual se lê «A Reburinus <filho> de Boutus, de 70 anos». (REBURINO / BOUTI / AN LXX). Na pintura a lápide tem no lado esquerdo do arco superior o número «41» (ou «44»?) e abaixo da inscrição parece assomar o nome «<P>ICOTE», talvez duas etiquetas de inventário no Museu, para bem identificar a peça representada.

É bem provável que tenha sido o próprio Abade, que havia incluído esta lápide nos seus estudos¹⁰, a querer fazer-se retratar colocando junto a si uma das mais belas lápides romanas de Picote. Evocam-se, assim, não só os seus interesses arqueológicos mas também a poderosa herança romana que deu forma à ocupação do espaço, às vias de comunicação, mesmo à fixação de fronteiras de que resulta uma distribuição das línguas neolatinas em que o distrito de Bragança é sobremaneira rico, com o Mirandês e o Português, mas também com os diversos falares raianos, como o Riodonorês e o Guadramilês.

O quadro de Henrique Tavares poderia ser tomado como a complexa sobreposição entre o porte do homem e as antigas tradições que moldaram a sua terra. É seguramente a pervivência das histórias da terra no saber deste homem que leva a Baçal os muitos visitantes que procuram, quase sempre com e através do Abade, conhecer a região pelo seu passado. Numa incisiva passagem de Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, de 1945, bem próximo, portanto, dos tempos e conversas analisados neste livro, Orlando Ribeiro formula uma série de questões que sublinham o quanto os seus interesses históricos, geográficos e culturais se cruzavam com os do Abade de Baçal:

«Para além destas duas influências históricas [romanos e árabes] razoavelmente conhecidas, seria do maior alcance procurar os substratos mais remotos de uma unidade de civiliza-

⁹ Sobre as suásticas em lápides funerárias do museu de Bragança, cfr. Francisco Manuel Alves, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, op. cit., vol. IX, pp. 23-28.

¹⁰ Francisco Manuel Alves, «Lápides do Museu Regional de Bragança», em *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, op. cit., vol. IX, cfr. n.º 33, pp. 67-68 (são estudadas as 8 lápides romanas de Picote que integram o acervo do museu de Bragança, cfr. nn. 29-36, pp. 65-72).



Esboço da lápide de Picote.
*Memórias Arqueológicas
do Distrito de Bragança,*
vol. IX, p. 68, n.º 33



Fotografia da lápide de Picote.
(©Museu do Abade de Baçal,
Bragança – DRCN)

ção agrária mediterrânea, de que a romana e a árabe em parte já procedem. Mas aqui entra-se num domínio conjectural e impreciso que a arqueologia e a filologia mal vislumbram. O que deve aos celtas a economia dos nossos campos do Norte? Qual era a vida material dos lígures que, com vária fortuna, aparecem e se ocultam dos alvares da proto-história mediterrânea? Que relação há entre os habitantes pré-romanos da Península e da Mauritânia e os seus modos de possuir e trabalhar a terra? Eis um vasto terreno a desbravar: até lá é um emaranhado

matagal de conjecturas, por onde seria perigoso a um forasteiro aventurar-se»¹¹.

Para quais destas perguntas temos já resposta? Podemos imaginar como as conversas entre os homens citados ao longo do estudo, Francisco Alves, Orlando Ribeiro, Leite de Vasconcelos, Hermann Lautensach e tantos outros, giravam em torno desta curiosidade interminável sobre a geografia das paisagens moldadas por homens feitos e fazedores de práticas e hábitos transmitidos no tempo. Buscavam afinal a resposta para a questão originária, na qual haveria de assentar o conhecimento de tudo o resto. O inquérito ao habitat do mundo rural proposto por Orlando Ribeiro e distribuído por todo o País, partia do presente de então para colher a informação e os indícios que ajudassem também a responder às questões fundadoras. Conhecedor do acidentado dos percursos, Orlando Ribeiro solicita a ajuda segura daqueles que em cada sítio possam orientar o forasteiro na sua caminhada. Agora passamos a conhecer a resposta que lhe foi enviada por Francisco Manuel Alves, o Abade de Baçal que, aos 73 anos de idade, mantinha a curiosidade e a disponibilidade de sempre.

*José Meirinhos
Frauga
Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

¹¹ Orlando Ribeiro, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, ed. cit., p. 90.